

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

Contextos oratórios na Roma antiga



Maria Eugênia Duque Caetano, 8978200

Prof. Dr. Adriano Scatolin

Trabalho de encerramento de semestre
para a disciplina de Literatura Latina:
Historiografia ou Retórica/Oratória

**SÃO PAULO
2017**

DIVISÃO ROMANA DE CONTEXTOS ORATÓRIOS

1. Tribunal

Acontece em fórum a céu aberto e trata de causas civis e criminais, tais como: *DE VII* (violência pública); *DE REPETVNDIS* (extorsão de província); *DE MAIESTATE* (crimes contra a república); *DE CIVITATE* (disputas do direito de cidadania); *DE SICARIIS ET VENEFICIIS* (crime de assassinato ou envenenamento); *DE AMBITVS* (corrupção eleitoral). Nesse contexto, acusador e defensor expõem seus pontos de vista a um pretor que é responsável pelo tribunal, um júri e à coroa.

A defesa de Murena (*PRO MVRENA*) é o principal exemplo desse contexto. Nela, Murena é acusado de corrupção eleitoral enquanto Hortênsio, Crasso e Cícero o defendem e Sêrvio Sulpício Rufo, Marco Pórcio Catão, Sulpício Rufo jovem e Postúmio o acusam. O discurso disponível, porém, é só da defesa e, a partir dele, é possível supor-se os argumentos da acusação.

A principal arma da defesa aqui foi desbancar os argumentos da acusação, um por um, questionando as escolhas políticas dos adversários e usando o humor para tirar-lhes a autoridade e credibilidade. No exórdio (primeira parte da *DISPOSITIO*¹ que divide o discurso de contexto judicial e oral com base na retórica de Herênio²), por exemplo, com o argumento de que a eleição de Murena foi uma escolha dos deuses, Cícero oferece uma autoridade maior aos jurados e questiona a posição da acusação:

“As preces que, segundo os usos e as instituições dos nossos antepassados, eu dirigi aos deuses imortais, juízes, naquele dia em que [...] fora eleito cônsul Lúcio Murena, [...] essas mesmas preces eu dirijo aos deuses imortais, em vista da conservação do consulado deste mesmo homem, ao mesmo tempo que da sua situação civil, para que os vossos pensamentos e opiniões estejam de acordo com os sentimentos e votos do povo romano e que essa circunstância vos proporcione [...] paz, tranquilidade, calma e harmonia. [...] Assim sendo, juízes, e visto que todo o poder dos deuses imortais ou vos foi transmitido ou pelo menos partilhado convosco, quem confia à vossa proteção este cônsul é o mesmo homem que outrora o confio aos deuses imortais, para que [...] ele conserve essa mercê dos povo romano, para vossa salvação e de todos os cidadãos.”

¹ Uma das cinco partes da retórica, que são: *INVENTIO*, *DISPOSITIO*, *ELOCVTIO*, *MEMORIA* e *ACTIO*.

² As outras partes são: divisão, narração, confirmação, refutação e peroração (podendo ainda haver uma sétima parte, a amplificação).

E, antes de começar a defesa em si, Cícero faz um *ORATIO PRO SE* para aumentar sua credibilidade e autoridade – no caso, uma digressão (amplificação) relevante e essencial.

Durante a *PARTITIO* – divisão na qual se é estabelecida e apresentada a controvérsia entre a versão do adversário e a versão própria – Cícero isola argumento por argumento, usando os argumentos da acusação contra ela mesma, usando sempre sarcasmo como humor para desbancar a acusação. Pode-se notar aqui uma variação de elocução, ou seja, um tom diferente para se referir a cada assunto – um tom solene, ao se referir aos deuses; uma elocução alta ao se referir aos juízes; uma fala irônica ao retrucar a acusação e um tom lamentoso durante a apelação aos juízes no final do discurso.

2. Assembleia popular

Nesse contexto não há tomada de decisão (diferentemente do senado, por exemplo), não se encaixando no gênero deliberativo, **mas sim demonstrativo**, e há discussões sobre deliberações do senado, leis e uso político. O discurso é dirigido ao público, em uma tribuna ou fórum a céu aberto e quem fala é um magistrado ou alguém convocado ou intimado pelo magistrado.

No discurso *PRO MARCELLVS*, Cícero abre com **um** *GRATIARUM ACTIO*, ou seja, o discurso faz papel de agradecimento e exortação política a César, mas, aqui, o elogio a César é artifício estratégico e retórico, procurando incentivar a atitude de perdão do imperador. Para isso, associa a imagem de César a de pacifista e misericordioso, sempre colocando Marcelo e si mesmo como pacifistas também e mostrando seu caráter de franqueza:

“É que não posso de modo algum deixar passar em silêncio tamanha brandura, essa clemência de tal modo inédita e inaudita, tamanho comedimento em meio ao poder supremo sobre todas as coisas, enfim, uma sabedoria tão incrível e quase divina”.

“A ninguém é dada tamanha riqueza de engenho, a ninguém é dada tamanha capacidade, tamanhos recursos para falar ou escrever, que possa, não direi adornar, mas sequer narrar, Gaio César, teus feitos. Contudo, afirmo — e o direi com todo o respeito a ti — que dentre eles não há maior honra do que essa que alcançaste no dia de hoje [com o perdão de Marcelo]”.

“No entanto, venceste aquilo que tinha não só a natureza, mas também as condições propícias à derrota, pois não há poder tão grande



que não possa ser enfraquecido e aniquilado pela força e pela espada. Vencer a própria inclinação, conter a cólera, poupar um derrotado, não apenas reanimar um adversário de notável origem, inteligência e valor, quando abatido, mas ainda engrandecer seu prestígio de outrora — quem assim o faz, eu não o comparo com os maiores homens, mas o considero muito semelhante a um deus.”

“Nessa guerra, por sinal, sempre considerei que era preciso dar ouvidos às intervenções pela paz, e sempre me causou dor que se repudiasse não apenas a paz, mas também o discurso de quem demandava a paz. De fato, nunca tomei parte nem daquela nem de qualquer outra guerra civil, e minhas resoluções sempre estiveram associadas à paz e à toga, não à guerra e às armas. [...] Consequentemente, nenhum crítico da situação será agora tão injusto a ponto de questionar a intenção de César na guerra, visto que ele imediatamente decidiu preservar os defensores da paz, enquanto com os demais foi um pouco mais colérico. Por outro lado, talvez isso não fosse tão admirável num momento em que o desfecho era incerto e a fortuna da guerra, duvidosa; o vencedor que estima os defensores da paz, porém, demonstra claramente que teria preferido não lutar a vencer. Ademais, sou testemunha disso no caso de Marco Marcelo: nossas ideias sempre estiveram em sintonia tanto na paz como na guerra.”

Depois, ainda elogia César visando a restauração da República que, para Cícero, era o bem mais precioso que deveria ser preservado:

“Cabe a ti, Gaio César, unicamente, avivar tudo o que percebes estar destruído e arruinado pelo chão pela impetuosidade da própria guerra, como era forçoso: é preciso restabelecer os tribunais, retomar o crédito, reprimir os desejos, multiplicar a população; e conter com leis severas tudo o que já se dissipou e se perdeu. Não havia como negar que, em meio a tamanha guerra civil, a tamanho ardor nos ânimos e nas armas, qualquer que fosse o resultado da guerra, a República, debilitada, perderia grande parte tanto das distinções de sua dignidade como dos sustentáculos de sua estabilidade; e que ambos os comandantes, em armas, cometeriam muitos atos que, em trajes civis, teriam eles mesmos proibido. Na verdade, cabe agora a ti tratar todas essas feridas de guerra, que ninguém além de ti pode curar.”

No final do discurso, implica que as conspirações que César tanto prevê e teme não são reais, são apenas alguns focos de pompeianos descontentes, ainda apontando que a república não deveria depender de um homem só e mortal:

“As armas foram depostas por uns, arrancadas por outros. Ingrato e injusto é o cidadão que, livre do perigo das armas, mantém ainda seu ânimo armado, chegando a ser melhor aquele que sucumbiu na

batalha, que deu seu último suspiro pela causa. De fato, o que a alguns pode parecer obstinação, a outros pode parecer constância. Todo o dissenso, porém, já foi debilitado pelas armas, destruído pela equidade do vencedor: resta que todos os que têm não apenas alguma sabedoria, mas também bom-senso, tenham uma mesma vontade. A não ser que tu, Gaio César, estejas salvo e permaneças nessa determinação de antes e, sobretudo, de hoje, não podemos estar salvos. Por isso, todos nós, que desejamos ver tudo aqui salvo, exortamos-te e suplicamos-te que veles por tua vida, por tua saúde; e, como consideras haver no ar algo contra o qual cumpra precaver-se, todos nós — para falar também em nome dos demais o que penso a meu próprio respeito — prometemos-te não apenas vigilância e guarda, mas também a proteção de nossos flancos e corpos.”

Para encerrar o discurso, volta a elogiar César, deixando os elogios como início e final do texto e a manipulação por meio deles em todo o corpo do discurso.

3. Senado

No contexto senatorial há deliberações e tomadas de decisões que podem acontecer no próprio senado ou em algum templo. Trata-se da legislação, política interna e externa e geralmente os discursos são de senadores para senadores. Nesse tipo de discurso refere-se ao futuro, sempre com base em aconselhamentos de partes a favor ou contra alguma decisão ou criação de lei. Como exemplo, as Filípicas de Cícero:

“Aproveitem então esta oportunidade que se lhes oferece, pelos deuses imortais, senhores senadores, e recordem-se enfim de que são os líderes do mais importante conselho do mundo. Ofereçam ao povo romano um sinal de que seu bom-senso não falta à República, uma vez que ele garante que sua bravura não faltará. Nada tenho a lhes aconselhar. Ninguém é tão tolo a ponto de não perceber que, se cochilarmos neste momento, seremos obrigados a suportar uma dominação não apenas cruel e arrogante, mas também ignominiosa e escandalosa [...] Às defesas que temos logo se somarão cônsules de extrema prudência, bravura, concórdia, que refletiram e meditaram muitos meses sobre a liberdade do povo romano. Sob sua instigação e comando, com a ajuda dos deuses, com nossa vigilância e previsão de muito do que virá, com o consentimento do povo romano, não há dúvida de que estaremos livres em pouco tempo. E a recordação de nossa escravidão tornará nossa liberdade mais prazerosa.”



4. Cerimônia fúnebre

Nesse contexto membros da nobreza – geralmente o parente homem mais próximo do falecido – se dirige ao povo, em um fórum ou tribuna, para fazer elogios ao falecido, à

linhagem do falecido e a si mesmo. Como exemplo, há a Cerimônia fúnebre Discurso fúnebre de César em louvor a sua tia Júlia³, que diz:



“Uma vez questo, tendo perdido sua tia Júlia e sua mulher Cornélia, pronunciou, como era costume, o seu elogio fúnebre perante a tribuna. No elogio de sua tia, eis como se referiu à dupla ascendência da defunta e do seu próprio progenitor: ‘Pelo lado materno, minha tia Júlia descende de reis, pelo lado paterno, entronca nos deuses imortais’. Com efeito, de Anco Márcio provém a dinastia real dos Márcios, nome de minha mãe; de Vénus, descendem os Júlios, e nós somos ramos dessa família. Há, pois, na nossa raça quer a santidade dos reis, que tão grande poder têm entre os homens, quer a majestade dos deuses, de quem depende o próprio poder dos reis”.

E também o elogio fúnebre a Sérvio Sulpício Rufo:



“Sempre sua gravidade, constância, lealdade, seu zelo e prudência em defender a República serão celebrados pela voz de todos os mortais, e não passará em silêncio seu conhecimento absolutamente admirável, incrível e quase divino na interpretação das leis, na explicação da equidade. Ainda que todos aqueles que, em todas as épocas, tiveram algum entendimento de direito nesta cidade fossem reunidos num único lugar, não seriam comparáveis a Sérvio Sulpício. [...] Ademais, também a devoção de seu filho parecerá ter muito contribuído para a honra do pai. Embora ele, abatido pelo luto, não esteja presente, vocês devem mostrar-se resolutos como se estivesse. Ele ficou tão afetado, que ninguém jamais sentiu a morte de um filho único mais do que ele sofre pela do pai. E creio que também contribuí para a reputação de Sérvio Sulpício filho o fato de assegurar a honra devida a seu pai, apesar de que Sérvio Sulpício não poderia ter deixado um monumento mais ilustre do que seu filho, retrato de seu caráter, valor, constância, devoção, inteligência, cuja dor pode ser aliviada por essa sua honraria ou por nenhum outro consolo.”

³ SOTTOMAYOR, Ana Paula Quinteia F. Pro Mvrena. In: Suet. Jul.